

252-55

FLORES E AMORES

Poesias

DE

THEOPHILO ODORICO DIAS DE MESQUITA

—CAXIAS—

Typographia Maranhense—de Paulo Ribeiro

1874

OFFERECCE



Seu amigo de coração

JOÃO D'ALMEIDA OLIVEIRA

O Amor

— CAXIAS —

Impressão de João de Deus

1874

ROMANA

À ti,—samente á ti—são dirigidos os meus versos,—pobres flores geradas entre espinhos,—colhidas por mão de bardo inexperiente;—pobres amores nascidos n'um coração ardente, alimentados n'uma alma ainda virgem de sensações,—cantados no balbuciar de uma creança, sublimados n'uma imaginação tumultuosa,—tangidos na lyra,—mal cadenciada ainda.

As flores do meu jardim,—vê-lo-has.—são singelas,—mas expressivas,—tristes. mas terças.

Os amores do meu coração, também os veras,—são pobres,—mas cheios de sentimentos puros,—tão puros como nossas almas de quinze annos.

Si acaso vires um pranto,—uma queixa n'estes versos, uma lagryma furtiva,—não te entristeças,—não; mas que um sorriso indulgente rague teus lábios, arqueados por ligeira commoção,—e por mais longe que estejas, eu verei esse sorriso, lerei teu pensamento, e minh'alma se regosijará.

THEOPHILUS.

ONDE VAES ?

Onde vaes ?—Não vês a lua ?
Majestosa d' esplendor,
Como é bella ! Brilha nua,
Brilha nua,—trovador.

Onde vaes á taes deshoras ?
Tens no peito algum amor ?
Oh ! não saias fora de horas,
Fora de horas,—trovador.

D'astros o espaço se arreia;
Rebrame o mar com furor;
Surda onda beija' a' areia,
Beija' a' areia—trovador.

Estremecendo, a folhagem
Espalha subtil rumor;
Mansa e branda sopra' a' aragem,
Sopra' a' aragem,—trovador.

Minosa flor da campina
E parge suave odor;
Da brisa ao sopro s'inclina
Purpurina, — trovador.

Vê ! — Da nuvem vaporosa
Contempla a pallida côr !
Tua amante é mais formosa,
Mais formosa, — trovador.

Já da lua o clarão morre...
Já cobre-a triste pallor...
Corre o regato, e serpeia
N'alva areia, — trovador.

É tarde ! — E o tempo se escôa,
E a noite é templo de amor !
Para tua amante vóa,
Corre, vóa, — trovador.

OH ! VEM !

Anjo dos labios risonhos,
 Qu' é dos sonhos,
Que eu tinha ao pensar em ti ?
Ai ! — Depois que me fugiste,
 Fiquei triste,
—Minh' alma triste senti.

Anjo louro, nem lembrança
 D'esperança
Guardaste em teu coração !
Nunca mais o paraíso,
 N'um sorriso,
Me abrirás,—por compaixão !

Onde pairam meus desejos ?
 Onde os beijos
Dos teus labios de carmim ?
Si já não condóe—te o pranto,
 Do meu canto,
E' que esqueceste de mim.

O' anjo dos sonhos d'ouro,
 Meu thesouro,
Desce dos ceus, vem aqui !

Minha crença regenera.
Que morrera,
Si eu não vivesse por ti!

Vem depressa! Vem amar-me,
Saciar-me
Com teus beijos outra vez;
Vem mostrar-me o paraíso,
N' um sorriso,
Dos teus lábios ao travez. —

FORGET ME NOT

(UM ADEUS AO MEU COLLEGA F. R. BORGES)

Quando os raios d'auroa brilharem
Sobre o calix da candida flor,
Quando estrellas do ceu scintillarem
Pelo espaço, da lua ao fulgor;

Quando praios e rios e mares,
Sem saudades, deixares traz ti,
E nos frescos, ri-onhos palmares,
Descantar o gentil gamumby;

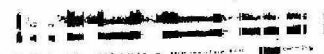
Quando o vento vergar as florestas,
Quando o ceu se tingir do arrebol;
Quando os risos, as galas, as festas
Das campinas abrirem-se ao sol;

Quando as nuvens veloses correrem,
Asalando os espaços sem fim;
Quando vires os dias morrerem,
Não l'esqueças, amigo, de mim.



ROMPER D'ALVA

Já da aurora a côr mimosa
Por sobre a terra assomou;
Já brilhante a borboleta
Na fresca rosa poison.



No horizonte o sol desponta
Animando a natureza,
E o colibri beija as flores
Radiante de belleza.

Salta a jacaran no rio,
A cachoeira manilha,
Brincam peixes no aureo leite,
E a garça branca mergulha.

Na palmeira seus trinados
Solta o louçam sabiá,
Chora rôla gemebunda
Do ramo do pé do ingá.

Ouve-se além torvo grito
De funereo jacamy;
Na' agreste moita escondida
Terna' arrula a jurity.

Corre fonte murmurante
Das quebradas na soidão;
Cicia fagueira brisa
De folhas juncando o chão.

Da belleza variada

Da natureza tão bella,
Olhar e não veja o sublime,
Com o pensamento só n' Ella.

.....

.....

Porém, ah! já te não lembras
Dos passeros matutinos
Ao romper d'aurora dados
Pelos prados diamantinos.

Então mais fresca era a relva
Mais bello o raiar do dia,
Mais alegre era a paisagem,
Mais doce a fonte corria.

Lembras-te? Dentro em meu peito
Pulava-me o coração,
Si, por acaso, sobre elle
Rocavas a nivea mão.

N'esse tempo venturoso
Eu era, ó Deus, bem feliz!,
Eram só meus os sorrisos
Dos teus labios infantis.

Amor!—eu lia em teus lábios,
 Nos teus olhos lia: amor!
 Amor! nas brisas, nas fontes,
 No ceu, na terra, na flor.

Porem,—ah!—já te não lembras!
 A flor do teu coração
 No ritornello das valsas!
 Queimou a seiva d'então.

Talvez pensativa agora,
 A' freixa luz do luar,
 Sobre a sacada, lançando
 Vistas incertas ao mar;

Debruçada, silenciosa,
 —A nivea face na mão,—
 Olhando,—sem ver,—do espaço
 A negra, immensa amplidão;

Tendo um sorriso nos lábios
 Contraídos docemente.
 Soltas as longas madeixas
 Da brisa ao sopro fremente;

Tendo a fronte pensativa

Cada de brancas flores,
Talvez estejas seduzido
Nossos ardentes amores.

Quem pode sentir o abismo
D'um coração de mulher?
Dentro d'elle é toda trevas,
Nem raião de luz apear!

.....

EXTASES

Estrela maninha,
Que lases no horizonte,
Brilhando sobre a fonte
Do límpido cristal:
Flor innocente e pura,

Que o calix encantado
Estendes, rorejado
Do orvalho matinal;

Florido cajueiro,
Que as ramas recurvadas
Embalas, bafejadas
De fresca viração;
Aurora lacrimosa,
Risonha madrugada,
Esplendida alvorada
De rutilo clarão;

Aves, que suspiraes
Suaves melodias;
Disei-me as harmonias,
Que a aurora vem trasendo;
Quando a silente noite
Se acaba, e principia
Raia a luz do dia
Que ao longe vem rompendo;

Rolinha enviuvada,
Canoro sabiá,
Tristeza pequenina,
Suave ganunby,

Canta sobre a mangueira
Capuda, verde, bella,
Dize-me o nome d'—Ella.
Seu nome repeti!

SONETO

(NO MAR)

O rugir cavo, longo, e temeroso
Da horrenda trovoadá, além rebôa,
Os espaços do ar abala, — e sôa
Ao longe, — propagando-se espantoso.

O rio as águas volta de medroso,
O jacaré se encolhe na lagôa,
Sem tino, as ondas volve o mar, á tóa,
Contra as praias bramindo pavoroso.

O orbe treme e estala co' o rugido,
Fuvolvendo-se em feia escuridão.
Em quanto o oceano espuma enfurcido,

Cá eu me embalo co' o Garret na mão
De tudo quanto cerca-me esquecido,
Sem mesmo ouvir os roncões do trovão.

AS CHAMMAS E O FUMO

(TRADUÇÃO DE LACHAPPELIER)

D'incerto meite d'uns
Chammas e fumo salicim,
E o fumo es aros tohava
Que as chammas cercavam.

— « O ar, que aclaramos, toldas, —
Disem-lhe as chaminas enfim;

— « Deixa-nos, foge, importuno,

— « Não nos perigas assim. — »

— « Irmãos, » lhes responde o fumo,

— « Que o brilho vos toldo, sei;

— « Mas, ou louvem-me, ou censurem-me.

— « Eu sempre vos seguirei. — »

Que são as chaminas ? — A Gloria.

Ao fumo — Inveja — chamae;

Toda a — Gloria — n'este mundo

D' Inveja seguida vae. —

UM ADEUS PARA SEMPRE

Si o pranto, ás vezes, me opprime
A surda voz na garganta,

Si o gesto meu, que repanda
Auecos d'alma, te espanta,
Nao m'o perguntes, senhora!
Que a dor que sinto n'essa hora
Contem venenos fataes!
São leões da faga e cura,
Que a minha triste ventura
Me fez dar por Satanaz.

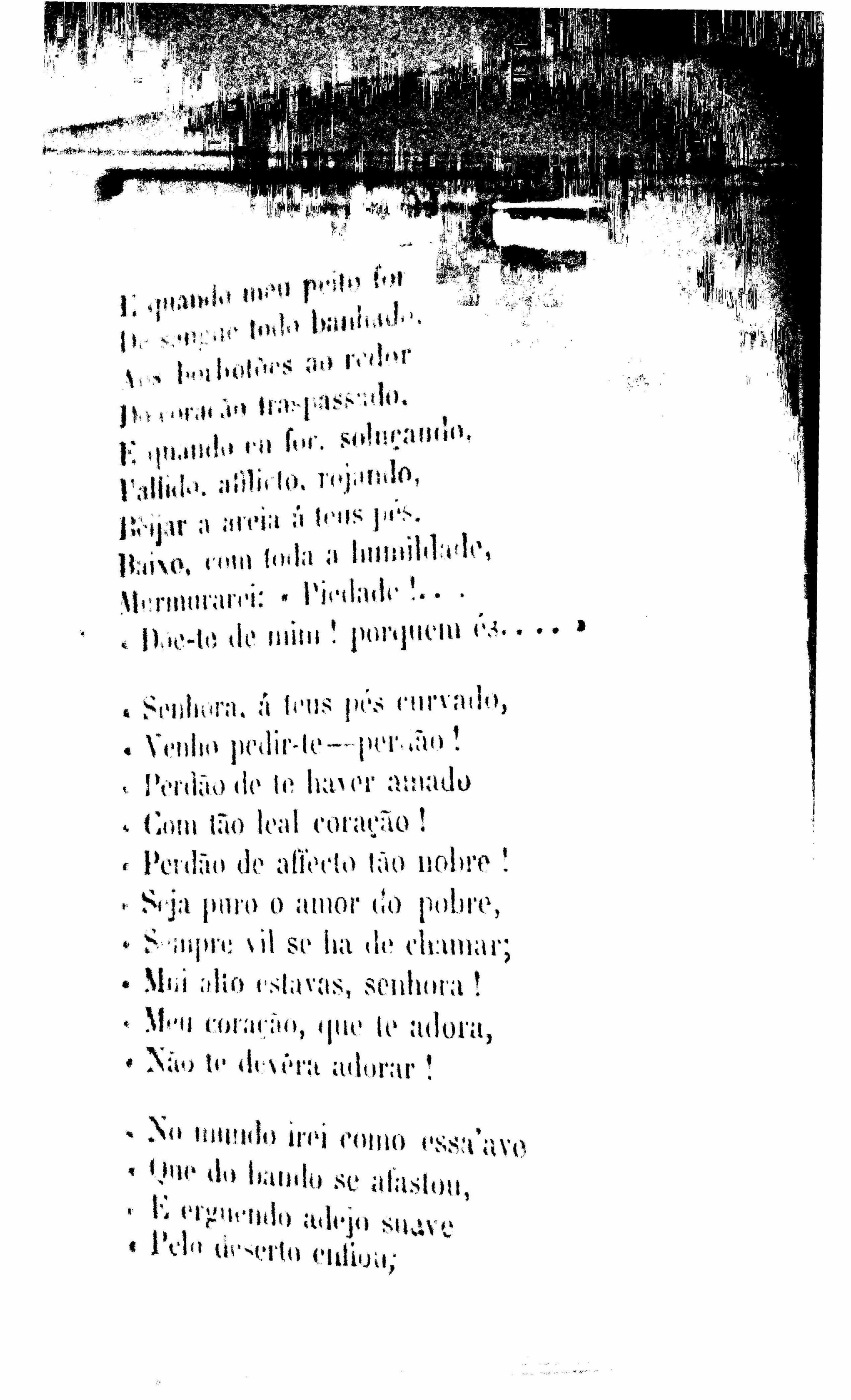
Do labio o rir se me afasta,
Do coração a alegria;
Gelado torpor me arrasta
Para tristeza sombria.
O livido desalento
Me anniquila o sentimento,
Recalcando intima dor;
A morte diz-me: « Descansa! »
E eu vejo que da esperanza
Mais e mais se murcha a flor.

Está murcha crenga esvaída,
Nada mais tenho á esperar,
Nem um rir que me dê vida,
Nem d'esperança um olhar;
Perdi de toda a coragem,
E da morte a torva imagem

Vem minh' alma embevecer:
Ante a afflicção que me anceia
Só me persegue uma idéa
Que me acalenta o viver.

E' que na minha agonia
Não me foges da lembrança,
E de rever-te algum dia
Inda me resta esperança.
—Quero que vejas meu rosto,
Onde continuo desgosto
Profundas rugas cavon;
Que contemples a obra tua,
Que alegres tua' alma crua
De ver-me assim como estou.

E quando vires o pranto
Dos olhos meus gottejado,
Não recúes,—não,—d'espanto,
Folga e ri do desgraçado!
Folga e ri!—Lança-me o peso
Do teu desdem,—do desprezo
Das tuas phrases de fel;
Vilipendia minh' alma!
Do martyrio quero a palma
Pela tua mão cruel.



E quando meu peito for
De sangue todo banhado,
Aos borbotões ao redor
Do coração traspassado,
E quando eu for, soluçando,
Pallido, aflicto, rojando,
Beijar a areia á teus pés,
Baixo, com toda a humildade,
Murmurarei: « Piedade ! . . . »

• Doe-te de mim ! porque eu és . . . »

• Senhora, á teus pés curvado,
• Venho pedir-te — perdão !
• Perdão de te haver amado
• Com tão leal coração !
• Perdão de affecto tão nobre !
• Seja puro o amor do pobre,
• Sempre vil se ha de chamar;
• Mui alto estavas, senhora !
• Meu coração, que te adora,
• Não te devêra adorar !

• No mundo irei como essa ave
• Que do bando se afastou,
• E erguendo adejo suave
• Pelo deserto enlhoa;

- Pela amplidão do sertão,
• Voa sem fim, agulha,
• Sem que poriso encontre ali;
• Eis que n'aravia sem vila...
• Será a pouca perdida,
• Quando lembrar-me de ti!
- Adeus, senhora, que eu parto;
• Vou para longe, exilado;
• De vós senhora, me aparto,
• Qual da vida o condenado.
• Que a fortuna espalhe flôres
• Sobre as vítimas d'amores
• Que ao vosso carro jungis;
• Que o fado nunca vos negue,
• Que outro melhor se encarregue
• De vos fazer mais feliz.»

O PINGO D'ÁGUA.

(LACHAUMTEAUDIE)

O horizonte azul-nitente
 S' ennegrecia. — Do ar
 Wagua um pingo transparente
 Tombando, — cahio no mar.

Ei-lo seu fado pranteia:
 « — Inutil, desconhecido
 « Ficarei. — qual grão d'areia
 « Da varzea em meio perdido.

« Quando, nas asas dos ventos,
 « Da nuvem negra eu descia,
 « Mais bello ao meu pensamento
 « O perir se offercia.

« Algum das penas formosas
 « Do colibri ser poeado,
 « Ou nas petalas minuciosas
 « Da flor, — no calix doado.»

Passa uma 'ostra, por ventura,
Que nas conchas dá-lhe abrigo;
Entr' abrindo-se -- o segura,
Recolhe-o, -- leva-o consigo.

E a gotta d'agua, — que a vi la
Supportava com desdem,
Jaz em per'la convertida
Na concha, que presa a tem.

Depressa a ostra é trasida
A' flor das ondas asues,
E d'ella a per-'la extrahida
Brilha vestida de luz.

Ei-la agora radiante,
Magestosa d'esplendor,
No diadema rutilante
D'um potente imperador.

Oh ! tu, virgem formosa, que temperas
Das maguas no chrysol tua 'alma pura,
Trabalha ! — E' teu fadario !
Coragem ! — Sobre as ondas inconstantes
Do mar da vida, — como a gôttá d'agua,
Serás perola um dia !

MINH' HARPA

Tenho uma harpa de diamante,
Guarnecida de marfim;
Nella canto em sora vibrante
A Deus, amor, tudo enfia.

Canto a aurora rosciada
Pelo ervalho da manhã,
Canto a rôla atribulada,
A borboleta lougan.

Canto as aves,—a natura
Canto,—e o amor da donzella,
Canto a sua desventura,
Canto a meiga face d'ella.

Canto-lhe os aureos cabellos,
Canto-lhe os olhos azues,
Canto-lhe os seios tão bellos,
Tão bellos, quando estão nus.

Canto as sandalodes que tenho
Da terra do meu nascer,
Quando se-la o veloz tenho
No herisonte se perder.

Canto a nuvem para e lisa,
Canto os ardores do sol,
Canto o ciclo da brisa.
A noite, a tarde, o arrebol.

Mas, si canto a rosa aurora,
Si as navens brancas dos ceus,
Si canto a reia, que choras,
Mas, si tenho crenga em Deus:

Mas, si canto a moiga estrella,
Si canto o astro do dia,
Nos olhos d' Hermosa bella
Vou beber a poesia.

Perdôa.

Perdôa, si te amei tanto !
Si meus lábios abrasados,
Levei. da febre crestados,
Aos lábios teus d'amarantho !
Perdôa a minha loucura,
Si toquei-te a face pura,
Si me não pude conter !
Perdôa, que eu não podia
A chamma, que consumia
Meu peito, por mais segurar.

Dóe-te de mim ? Pois não vias,
Não vias o meu amor ?
Este ardor não conhecias,
Este fogo abrasador ?
Sim, foi loucura !—Eu devia
Soffréar minha agonia. .
Calar no peito a paixão;
Porem, ai !—em desvarios
Toquei es teus lábios frios
Com os lábios meus de vulcão.

Si soubesses as torturas,
Que soffreu meu coração !
Nunca sintas amarguras
Taes como as senti então.
O fogo, que me queimava,
A chamma, que me abrasava,
Nunca, nunca ! o saberás;
Si, n'uma hora de loacura,
Fui tocar-te a face pura
Foi dellyrio, e nada mais.

Quem ha, que te resistisse
Si, languemente êstendida.
Sobre a relva, á sós te visse,
Como um anjo,—adormecida ?
Ver-te as tranças perfumadas
Frouxamente ao vento das,as,
Affrontando o rosto teu !
Eu logo fiquei rendido !
—Admator foi vencido
Pela esposa de Peleu.

Si um peito de rocha dura,
D'um monstro, amou com furor
Eia, meu anjo, brandura !
Amar-te deixa-me, amor !

Quero morrer nos teus braços,
Sufocado aos teus abraços . . .
Oh! quero amar-te, meu bem!
Na minha harpa hei de cantar-te,
Nos meus cantos embalar-te,
Beijar-te os olhos também.

MEU CHARUTO.

Ondulante fumaça vaporosa,
Que do charuto sahes,
Para onde te foges pressurosa,
Em longas espiraes?

Oh! não fujas tão rápida! . . . Não fujas! . . .
Que pressa que te tem?
Oh! fumaças! — De longe sois tão sujas
Que pareceis corujas! . . .
E nas asas levaes-me o meu viúvam!

É fague, de manchando os meus livros

Assim se vive a vida!

Assim se vive a gloria!

É só na mente heam do estudante,

Dos livros nada apant,

A lição mal cabida

E as lembranças cruéis da pederastia.

Instituto de Humanidades — 1868 —

MINH' ALMA.

São tres as faculdades de minh' alma:

Querer, sentir, pensar: — fundindo-as todas

N' um doce sentimento, — amor, — as volo

lucivamente à ti.

Men querer? . . . o que quera n'esta vida? . . .

Ah! somente beijar teus brancos dedos,

Como o mimoso dogue, que acarinhava

Tão contente! — à seus pés.

Meu sentir ? . . . o que sinto ? . . . Um fogo ardente,
Que o coração me abrasa em lavaredas
Intensas, vivas, — uma febre louca,
Si junto á ti me vejo.

Meu pensar ? . . . em que penso ? — Em ti somente.
A's vezes me imagino em longo abraço
Enlaçado contigo. Vaga sempre
Meu pensar após ti.

Si penso, quero e sinto, — vivo, existo;
Si penso, em ti só penso — á ti só quero,
Só sinto — amor — por ti, — e assim te voto
A' ti só — minha vida.

DESALENTO.

Minha vida é a estrella vagabunda,
Que scisma solitaria em ceu trevoso,
No vacuo adormecida;

Sim, lha a mão que a onda turbulenta
 Batia lha e em ventos e espuma,
 — Das brancas batida.

E' minha vida — aurora sem fulgore,
 Bonina sem perfume, — que se folha,
 — Crestada pelo sol, —
 — Primavera sem rio, sem amore,
 Flor que o vento despedaga folha á folha,
 — Tarde sem archol.

Como os do viajor que transviado
 Da senda em meio foi, — errante, louco,
 Assim correm-me os dias:
 Ninguém d'alma m'escuta o grito rouco!
 Ninguém que o pranto enxugue amargurado,
 Que verto entre agonias.

Ah! quem pode sonhar os sonhos d'ouro
 Que outr'ora acalenter nos meus anhelos,
 Ao bafo do meu peito?
 Só tu, só tu, querida, — anjinho loiro,
 Guardaste na fragancia dos cabellos
 Segredos do meu leito.

Só tu viarias, co' as lanças desgrenhadas,

A solidão dos meus dias enfadonhos
Banhar de riso e luz;
Com o perfume das roupas desatadas
Minh' alma embriagar, doirar meus sonhos
D'esperanças asues.

Ou já pendida sobre a mão de lyrio
A rubra fronte,—ou morbida ostentando
Dos seios a nudez,
Do goso requintavas-me o delyrio,
Com doce aura de beijos refrescando
O ardor da minha tez.

Ah ! só tu poderás as cordas frouxas
De novo retesar da minha lyra
Que sem calor fenece !
Tal de murchas a aurora torna rouxas
As flores todas,—e arvore que expira
A chuva reverdece.

— OLHOS AZUES. —

Aino a voz maviosa e pura,
Que murmura
Ternas palavras de amor;
Doce e branda como a brisa,
Que desliza,
Do arroyo encrespando a flor.

. Aino uns suspiros mimosos,
Carinhosos,
D'entre uns labios de coral,
Que resôem docemente,
Qual torrente
De uma lymphe de crystal.

Um collo charneo, —ondulante,

Alvejante,

Da tela sob o candor;

Niveo como argentea lua,

Quando nua.

Brilha de um lago na flor.

Mas á uns seios alvejantes,

Ondulantes,

Tão bellos quando estão nus,

Mas á voz pura, ao suspiro

Eu perfiro

Uns lindos olhos asues.

Vedes, além, aquella tenue nuvem
Que brandamente pelo ceu perpassa,
E ondulando suave, vae formando,
Cavalgando no ar, leves imagens?
A linha côr d'azul, que além rutila
Aos reflexos do sol doirando o ocaso
Em fraterna união com o mar se colla.
Intumescidas vão beija-la as ondas,
Espalhando-se em languidos suspiros.
Do sol os fracos raios se reflectem

Nos louros vagallhões do mar, que embala,
 E doce, e brando, e longoroso brilha,
 Como os olhos azues de esta virgem

Amo uns olhos azulados.
 Como a nuvem que perpassa...
 Pelos ares anilados
 Onde se embala, esvoaça.

Uns olhos azues formosas
 Como a nuvem côr d'anil,
 Scintillantes, radiosos,
 Como o sol sobre ondas mil.

MINHA ROSA.

Triste rosa desfolhada,
Que banhada,
Rorejada,
Orvalhada
Foste pelos prantos seus!
Amo-te mais do que a lua,
Branca e nua,
Que fluctua
Frouxa e tibia pelos ceus.

Quantas vezes no seu seio,
Todo enleio,
D'amor cheio,
Sem receio,
Não sentiste-o doce arfar!
Por sua boca adorada,
Quantas vezes, rosa amada,
Tu beijada,
Bafejada,
Vieste á mim te abrigar.

E agora, quando te vejo,
 Meu desejo
Metando em longa emoção,
Sinto no peito alquebrada,
 Ja cansado,
 Retalhada,
 Torturado,
Sangrar-se-me o coração.

D'essa, que amei, és a imagem,
 Da miragem
Que em sonhos outr'ora vi:
É's uma lembrança d'ella !
 Rosa bella,
 Tão singela,
Que cousas revejo em ti !

Vem, pois, dormir sem receio
 No meu seio,
Onde te guardo e te abrigo,
E quando levar-me a morte,
 Flôr sem norte,
A' campa baixa commigo.

AOS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

Salve, briosos soldados,
Que, no calor da batalha,
Ao ribombar da metralha,
Combatestes denodados !
Salve, coorte de ousados
Filhos de um povo não vil !
Salve, estandarte gentil !
Salve, pendão de guerreiros !
Salve, invictos brasileiros !
Salve, leões do Brazil !

Estão de louros ornadas
Vossas fronte orgulhosas,
Sangram feridas honrosas
Nos vossos peitos. Crivadas
De balas, — esfarrapadas
De bravo as fardas estão;
Mas se alegra o coração
De vêr que os filhos do Norte,
Affoutos, voam á morte
Por defender a nação.

Nessas paragens distantes,
Onde corre o Paraná,
Quantos feitos! — quão brilhantes!
Quantos bravos jasem lá!
E na vencida Humaytá,
Que ostenta a nossa bandeira,
Treme o eco á voz guerreira
Do brasileiro forte Marte,
Quando, agitando o estandarte,
Surge a esquadra brasileira.

Dignos émulos de Barroso,
Valentes de Riachuelo,
Tende em lembrança, com zelo,
Esse feito glorioso.
Levanta a fronte orgulhoso
Tu, que assististe aos combates!
Tu, que sentiste os embates
Do nosso inimigo feroz,
Narra essa pugna atroz,
Que narrar não podem vates.

Bravos de Curupaity,
Guerreiros de Cúrisú,
Heroes de Passo-Pocú,
Valentes de Yatay!

Invercível Maturity,
Grão Marquão Dias,
Forte Marquez de Carliás,
Ergui a fronte altaneiros !
E tu, heroe dos patriotes,
Oserio, sol que alumias.

Quanto sangue se perdeu
Na luta co'o deshumano !
Recaia sobre o tyranno
Tudo o sangue que correu !
N'esses combates morreu
A flôr dos nossos soldados,
Nos campos ensaguentados,
Combatendo vós escravos.
Foi-se a flôr dos nossos bravos,
Em remi-los empenhados.

Mas, que importa, si vencemos ?
Que importa ? E' nessa a victoria.
O Brazil fulge co'a gloria
D'esses bravos que perdemos.
Oh ! que sim ! — Bem combatemos
Nos campos do sul d'alem !
Muitos morreram ? — Que tem ?
Agora, vós que vencestes.

Soldados, que combatesdes,
Disse comuigo tambem:

Salve, briosos soldados,
Que, no calor da batalha,
Ao ribombar da metralha,
Combatesdes denodados !
Salve, cohorte de ousados
Filhos de um povo não vil !
Salve, estandarte gentil !
Salve, pendão de guerreiros !
Salve, invictos brasileiro !
Salve, leões do Brazil !

SAUDADE.

(Foa)

I

Filha funerea de desertos praias.
Saudade, meiga tier, em ti que encerras
De tristeza, de dor, de luto e pranto!...
Vem do meu alaude as cordas tristes
Pela primeira vez mover gemendo.
Enquanto a angustia me lacera o peito
E um fogo devorante o queima em lavas!
Teu calix, cheio de meus agros prantos,
Aos meus beijos de dor curva, ó saudade!

II

E's a imagem da dor. Teu langae soio
Parece solagar as tristes folhas
Curvas, como que afflita, quando em gotas
Com o rocio da manha te banha a aurora,

E o talo melindroso perde as rammas
Que assim parecem lagrymas de um anjo.

III

E quem recordas? — A que amei sonhando,
E desperto não vi: Só resta ao triste
Do sonhador saudadeinda mais triste.

IV

Vem, pobre flor melindrosa,
Em meu seio te abrigar,
Vem recordar-me saudosa
Essa que amei á sonhar.

Recordar-me seus encantos,
Seus olhos garços de fada,
Os primores, que eram tantos
N'essa mirage' engraçada.

Recordar-me a côr doirada
Dos seus doirados cabellos,
Sua coma, que, engraçada,
Lusia em louros novellos.

Vem recordar-me os encantos
D' essa fada de primores....
Quero orvalhar-te de prantos,
Florsinha dos meus amores.

MINHA MÃE!...

Doce nome de mãe!—Vem nos meus labios
Pender saudoso; nos meus labios frios,
De sel untados, perpassar-me terno,
Suavisar-me a tristeza.

Mãe, si soubesses quanto soffre esta'alma!
Si de quanto soffreu na hora extrema
Da nossa despedida, acaso um dia
Chegasses á saber!

Si soubesses, o'mãe, quantos soluços
M'estalavam no peito! — Apenas visto
Meus olhos, que vencer-se não podiam,
Merejados de pranto.

Nossos prantos então se confundiram
Unidos, como irmãos, e deslisaram
Copiosos de nós; — hymno sublime
De filial amor.

Entanto a hora se chegava infausta;
Já a' esphera do sol pendia frouxa
Nas raias do poente, — já nas aguas
Do oceano s'escondia.

E eu lhe disia: «O' sol, porque tão rapido
« Assim corres no espaço? — porque apressas
« Tua marcha incessante, e a hora infesta
Da extrema despedida?

« Mas lá te escondes no poente . . . » — Assoma
A branca lua, que campeia pallida
No azul do espaço, clareando a terra,
Rutilando nas aguas.

E eu lhe disse: «Da noite o' casta diva,
 « Ah! tanto não te apressês . . . vagarosa
 « Corra o ar . . . longo tempo tens . . . do sobra . . .
 Para um pouco e descansa . . . »

Mas o tempo voava . . . A lua, ao longe,
 Per traz dos montes, despedindo uns raios
 Já mais tibios, mais pallidos, se nubla,
 E sandasa se esconde

Dardeja a estrella d'alva o langue brilho
 Sobre as aguas asues do rio, e meiga
 Desfere um clarão ultimo, e se apaga
 No lerginquo horizonte

Desponta a rosea aurora, e s'espreguiça
 De monte sobre as arvores tristonhas,
 Com cujas folhas juncas o outomno a terra,
 Revolvendo-as ao vento,

Eis s'ea da partida a fatal hora
 Ha momentos na vida, que se sentem,
 Mas impossiveis de exprimir . . . terriveis . . .
 Tal fei esse momento.

.....

.....
.....
O ruído monotono das rodas
Echou sobre as águas espumantes,
E após a esteira esbranquiçada ao longe,
A terra se sumia.

Lá na proa sentado, embevecido,
O rosto sobre a mão, banhado em pranto,
Ea mergulhava sobre o azul das águas
Um longo e triste olhar.

O peito intumescceu-me agro soluço
De repente, meus lábios rouquejaram,
Com voz despedaçada, um nome doce
Foi o teu, minha mãe!

PROTESTO.

Pone me pigris ubi nulla curatio
Arbor est in recreata aura;

.....
dulce ridetem Lalapem amabo
Dulce loquentem — Heu! nunc

Embora ponham-me em gelados praios
Onde uma flôr não vingue, — desterrado,
Alli ainda redirei teu nome
Saudo e triste.

Do leque á sombra do palmar florido,
Que embala, á noite, a viração queixosa,
Quando alva lua scintillar no espaço,
Suspirarei teu nome.

Hei de grava-lo do páo-d'arco altivo,
No tronco annoso, que devassa os ares,
E ajoelhado o beijarei constante,
Leuco de amores.

Ao roncado vento, que recarva a concha
 Unbrosa e florea da floresta virgem,
 Nas vagas horas da silente noite
 Suspirarei queixumes.

Da junto ás margens de chorosa fonte,
 Que em brandos frocos de argentea espuma
 Tenue e macia se deriva, — a areia
 Orvalharei com prantos.

Embora a morte me arrebate, — embora
 Baixe o meu corpo á sepultura fria,
 Aos tristes pios de agoureiro mocho,
 Da tumba me erguerei.

E aos frouxos raios da tristonha lua,
 Que o espaço aclara com funerea luz,
 E ao fresco sopro das nocturnas auras,
 — Branco phantasma, — surgirei da campa.

Volvendo em torno o ossificado rosto,
 Pallido espectro d'infeliz amante,
 Eas reas nenas cantarei, — queixumes
 Sobre a ingrata, que amei.

Agora e sempre te amarei constante.
Embora eu sofra teus desdems.--embora
Baixe o meu corpo á sepultura fria,
Camuigo á campa baixará teu nome.

SOBRE O TUMULO d' um menino.

A flôr, que desabrocha, exhala aromas
Ao rorejar d'auroa.
Cresta-a o ardor do sol; da tarde a aragem
As petalas lh' arranca.--Murcho o cálix
No fraco hastil destallecido pendê.

Tu foste aquella flôr.--Botão, apenas
As azas expandiste d'innocência,
A pallida doença defecou-te,
E a cruel morte arrebatou-te á vida,
Vibrando contra ti cruenta foice.

Dorme e descança agora,
Sob a funerea lagem,
Archânjo d'innocencia e de puresa,
Enquanto a mão do plácido viandante
Sobre a tumba depõe-te agreste raimo.—

A' ESQUADRA BRASILEIRA.—

Ao vento folgasão as velas dando,
Assoma, ao longe, airoso,
Do rio as doces aguas perturbando,
A esquadra gloriosa,
Que ao rijo sibilar d'insano hóreas
Ostenta os louros das finaes victorias:

Do brasileiro soldado as reluzentes
Armaduras scintillam
Do sol aos igneos raios resplendentes
Que sobre ellas distillam
Seus brilhos,—recordando a fresca aurora
Da terrível contenda,—o dia e a hora.

Seus olhares se fixam no horizonte
Da idolatrada terra:
O entusiasmo pela patria insonte
Excita o animo á guerra,
Lembrando-lhe o logar da pegna funda.
Onde o sangue dos bravos fuma aiada.

Sibilar-lhes parece inda aos ouvidos
A bala do canhão,
Dos lenhos escutar os estalidos,
E a voz do capitão,
Que no arcar dos gigantes estingia
Como os rugidos que o trovão envia.

E catar o ribombo da metralha
Fôra, toante e fôrte
Que salpicava o rio da batalha
De fumo, e sangue e morte,
O negro e turvo rio, onde ragin lo
Vao — Riachuelo! — os echos repetindo.

Faz palpitar o entusiasmo os peitos
Dos soldados valentes,
Que da combate nautico os effeitos.
Recordando contentes,

Colhar, onde o desejo ardente está
Diser parecem: Eia! a Humayá!

Ide, bravos soldados brasileiros,
Ide louros colher!

Ide, valentes, inclytos guerreiros,
Pela pátria morrer!

Ide! Legae, morrendo na victoria,
A pátria um nome digno de se morrer!

SUA VOZ.

E' doce,—como no deserto a fructa
Em bella noite de serena paz;
Saudosa,—como, ao longe, a voz do nauta
Committendo o baixel ao mar fallaz.

E' meiga,—como a brisa,—que ciria
Por entre os leques do palmar ferido;
Suaave,—como a onda que murcha
Soluga e geme no paiz infido.

Fagueira.--como o ton de uma viola
Sob o tugurio do aldeião agreste,
—Quando o vento da noite arrasta e rôla
As seccas folhas do feral cypreste. —

E' triste, como no morrer do dia
Terna arralo de rôla enviuvada,
Como clarão de lua frouxa e fria
No crystal de um arroyo retratada.

Harmoniosa,—como da mangueira
A copa,—murmurando docemente,
Qual matutina viração ligeira
Nas folhas sussurrando languemente.

E' meiga,—e alheios males allivia,
—A dor que alheios peitos dilacera,—
Como da tarde a fresca ventania
A testa, que nos arde, refrigera.

E no entanto essa voz tão bemfaseja,
Essa voz me matou;
E eu soffro e gemo, e o coração deseja
Toda ouvir essa voz que o encantou.

E seja mar ou terra, céu ou inferno,
Por onde quer que vá,

Meu pensamento, no soffrer eterno,
Após ella seguindo sempre irá,
É meu peito, occultando o busto interno,
Sobre as pégadas suas rojará.

CANTA!

(A' UMA POETISA)

Etherea pomba de candentes plamas,
Anjo celeste! — sobre a terra impura,
A lyra empunha de doiradas cordas,
A voz desprende maviosa e pura.

Soabre os labios, e respira a brisa,
Que aromas doces, á correr, trescala;
Ouve o marulho do gemer das fontes,
A rosa beija, — que perfume exhala.

Esenta o canto da viuva ro'la,
Tradase as notas da choreza endeixa,

Que a palresinha ás vespertinas auras
Solta, em arrollos de plangente queixa.

Ouve o suspiro do faronio, á tarde,
Que doce passa, sem rumor, subtil;
E traz d'envolta o descantar das aves,
E a voz amena do sobriá gentil. —

Oh quando a noite for, silente e bella,
D'astros brilhantes alastrando os ceus,
E a frons lúea, clareando a terra,
Sorrir, doirado, á rutilar, sem veas;

Oh quando o vento ratorcer os leques
Bravos, virentes, do palmar garrido,
A voz desprende, — desafoga a lyra.
Alinh' alma arreaba, seraphim querido.

Conta! — Si a vida te é mais doce agora,
Avila líbia de im' taga o mel,
Si murga, conta! — E' linitivo a lyra
Ao calix chriso d'al-palho e tel.

Quando, risando no horizonte, a aurora
Surgir, cambriando d'irisada cor, —
— A voz desprende, — desafoga a lyra,
E o hymno milir; — chancelin de cantos.

AGONIAS.

*Quem deves? o meu amor? quem
dos dois, consciência?*

Perda não te-le amado!

Perda o vale abalado

Nas fibras do coração!

Que o peito meu, que roia

Por alor, estaria

Em lavas, — como o vulcão!

Teas brancos seios nevados,

Gratiosos, recurvados,

Do jaspé têm a brancura;

Outros seios (embo amado,

Outros seios adorado

Por teus iguaes na candura.

Teas cabelllos ondeantes

Alas os olhos seos constantes

Vem, brisa do. sorrir,
São como o az. viche escuro,
Se de luz um raio puro
N'elles se vae retratar.

Não posso amar tus col'los,
Que outros tão bellos, tão bellos,
O arêta amei com furor:
Mas essa chota tão viva
Enlaçando lassiva
Meu peito curvei á dor ?

Tens um quê que a mente chega,
Que abraça, queima. — que cega, —
Nos labios tens de carmim;
Como os teus labios corados,
Outros amei tão rosados,
Outros amei eu assim.

Esses que amei me segaram,
Fúrias, chammas me cercaram
D'insana acêsa paixão !
Por a polla fôes pura,
Minhi' alma abraçou-se impura
Não quero amar-te ! Perdão !

Foge de mim! Meu desejo
Matára em lascivo beijo
Nas faces de um cherubim!
Meu coração, chama impura,
Tua innocencia e candura,
Crestára, ó meu seraphim!

Foge, fuge! Em quanto ainda
Eu não sinto a lava infinda
Rebentar do coração!
Pode do amor a vehemencia
Murchar-te a flor da innocencia,
Queimar o virgem botão.

Choras! Tu choras, creança!
E o pranto humedece a trança
Cahida nos seios nus,
E o choro simelha a chamma
Que a lua, á noite, derrama;
—Gotas de fulgida luz.—

E nos teus labios diviso
Perido, pallido riso,
Que me faz enlouquecer...
Oh! que sorriso, Maria!

Si o teu olhar m'ir-ia,
 Teu riso me faz morrer.

Longe! Que fizes! Que vejo!
 Que ardente, fervido beijo
 Fogo me accende na tez!
 Eu m'extasio d'enkios,
 Nos teus ollegantes seios
 Palpium de languidez....

Ai! fogo, creanga leue!
 Eu sinto calir-te a tenca
 Da innocencia e do pedor!
 Tra alvissima corça
 De virgindade, revoa
 Sobre a voragem do amor!

Ch! não! Não quero mancha-la!
 Antes do abysmo salva-la.
 E erguê-la mais pura assim!
 E a rosa do casto seio
 Guarda-la no calix cheio
 Das minhas maguas, por fim!

.....

N'UM ALBUM.

Amigo, — pedes-me um canto ?
Vae pedil-o ao passarinho,
Que no remanso da tarde
Trina á beira do seu ninho.

Vae pedil-o á fresca brisa
Que sussurra á beira-rio,
E perfumados aromas
Exhala em mago cicio.

Vae pedil-o á madrugada
Que desdobra o roseo veu,
Quando a risonha alvorada
Repulsa as nuvens do ceu.

Vae pedi-lo á bella noite,
A' frouxa luz do luar,

Ao frescor d'amena tarde,
Ao surdo rumor do mar.

Vae pedi-lo á estrella d'alva,
Que na lympba se retrata,
Reflectindo os tibios raios
Das aguas na lisa prata.

Vae pedi-lo ao manso vento,
Aos palmares ferulhantes.
Que d'aragem da tarde envolve
D'aromas inchiantes.

Vae pedi-lo á fonte espumica,
Que marulha docemente,
E ao sussurrar dos favonhos
Encrespa a toza diamante.

Vae pedi-lo ao fôrro arrastado,
Que balança as folhas do lagã,
Onde, nas tardes d'out'mar,
Folga o gentil solis.

Vae pedi-lo á trança areia
Que espelha a luz d'el'clar sol,
Que d'itra o pónte em l'ço,
Da tarde ao rubro arrebol.

Vae pedi-lo á flôr mimosa,
Dece orgulho da campina,
Que se alimenta de orvalho,
Da aurora á luz purpúrina.

Pede-o,—que o rocío, que as flôres,
Que da tarde o ameno encanto,
Que o passarinho, que a lua,
Dir-te hão, amigo, o meu canto.

VEI.

Vem nos meus braços, seductora amante,
Beber o nêctar da volupia ardente !
Na doce embriaguez, as desventuras
Desvaem frouxas,—só praser se sente.

Queimem teus lábios minha face em fogo,
Corra nas veias mais veloz o sangue,
No peito o coração estale as fibras,
Minha alma se una á tua em beijo langue !

Sentes frio? Conchega-te ao meu peito,
E tremese d'amor, meu angó leito!
A taga do prezer frega alicé
Do mudo da lo em tuas traças d'ouro.

Sorris? encundes a mandíbula a dor?...
Porque o brilho dos olhos te látego?...
Extingue-se te a voz... oh! não repitas

Este horror tem que me enlouquecer.

Min formoso ideal de doçes sonhos,

Oh! fada aérea dos amores meus!

Veloz s'evaa a vida; e, pois, gozemos

O nectar leito pelas mãos de Deus.

Azen, formoso archanjo.... Nos teus braços

Enlaga-me.... D'amor mata-me enfim....

O rocio affoga-me entre os teus cabellos....

Mata-me, anjo do céu....Lava-me assim!....



FOI HONTEM.

Foi hontem !—No baile aéreo *a mão*
Nos seus meus olhos pousei, *feite*
E do meu peito o mysterio *segredo*
Que ella sentisse—deixei.
No seu pallido sorriso
Entrevi um paraíso,
Oásis virgem d'amor;
No palpitar do seu seio,
Em languido devaneio,
Banhei de minh'alma a flôr.

Senti seus olhos formosos,
Da côr da noite no céu,
Tristes,—agora fogosos
Queimavam-me o peito meu.
Porem, logo após, turvados,

Cabidos, envergonhados,
Largavam vistas ao chão.
Ardente sangue abrasou-me
O coração,—sufocou-me
Quando travei lhe da mão.

Aquella mão candorosa
Mão de neve parecia !
Mão de madona mimosa !
Tão branca-era, e tão líbia !
Tremia, como a ramagem
Das ingarannas, que a' aragem,
Passando, ao leve agitou,
Eu me senti delirante,
Quando seu scio oflegante
Sobre meu peito roçou.

Oh ! bendito o que primeiro
Deu á walsa execução !
Não podia ter ligeiro,
Mas ardente,—o coração !
Walsa !—Na walsa adejante,
Eu a senti palpitante
Abandonar-se em meus braços !
E, walsando, com ternura

Eu tentava,—alta ventura!
Dar-lhe suaves abraços.

Logo o coração rendida
Sob o meu se abandonou,
Como a flor desfallecida
A' queda o cravinho fadou.
Dos olhos o brilho frouxo,
Contrahido o lábio, e tenho,
Cerrado o cílio,—parei.
Da welha vertiginosa,
D'essa alegria ruídesa
Como que o goso a matei.

Parou, sorrindo; que louca!
Com ella também parei.
Por acaso junto á loca
D'ella meus lábios rocei.
Mimoso rir feiticeiro
Lhe enruga o lábio faceiro,
Qual botão se abrindo em flôr;
As nossas fronte's ardiam!
E os olhos seus pareciam
Besmaiados, de languor.

Após no primeiro ensejo,
 Um logari perfumado,
 No qual estampeí um beijo,
 L' ofereci namorado.
 Ao ver-me assim vergonhoso,
 Arfoa-lhe o seio afanoso,
 Tremeu, corou, e sorriu
 Aceitando a flôr mimosa,
 Sò de pejo mais formosa,
 Da sala fugiu fugiu

..... 1
 Eis uma pagina solta,
 Virgem, do meu coração.
 Um dia a veras revolta,
 D' amor ludibrio, baldão.
 Si um dia a virdes, saudosa,
 Oh! dae-lhe um beijo cherosa,
 Dae-lhe um suspiro piedade!
 Banhae-a ~~com~~ o vosso pranto.
 Talvez ~~com~~ o balsamo santo
Maria tenha ~~uma~~ minha saudade.

SONETO.

Quando minh' alma afflicta se emborvece,
 Abrasada d'amor, sobre o teu rosto,
 Mal digo d'esta vida, que o desgosto
 Rêe, ha muito; — que inferno me parece.

Esse sorriso teu, que me enlouquece
 Ver, contemplar, Hermosa, sem que o gosto
 Eu tenha de beijar—te a face ! Arrosto
 Um tormento, que o mundo não conhece.

Noite e dia, chorando amarga sorte,
 Recostado n'um leito de agonia,
 Em altos brados clamo pela morte.

Saudarei o jubiloso e doce dia
 Que me traga almejado, extremo corte
 D'esta existencia tormentosa, impia !

DORMIAS

Dormias, Hermosa, na rede de lã,
Como algada ondina no leito do mar;
Teu seio de virginal batia d'afan...

Que doce sonhar !
Meu nome nos lábios
Te veio expiar.

As tranças formosas caíam-te esparsas
De odor perfumando teu langue dormir;
Tão lido ! tão alvo teu collo de garça !

Beijei-o á sorrir...
Que beijo tão manso !
Que doce sentir !

Depois, quíz erguer-me.... Mas ternos abraços
Poderam na rede meu corpo reter....

Dormi em delicias, sonhando em teus braços.

De goso morrer....
E o peito abrasado
No anseio á tremer.

Que gasas, Hermosa ! Que doces enleios !
Que linguas vertigens ! Que mite d'amor !
Oh ! fada mimosa dos meus devaneios !
Oh ! pallida dor !
No anecio, dos olhos
Se apaga o fulgor.....

E o corpo, lizo e frio, convulso tremeu.
Miragem d'espuma no leito do mar
Então parecias.... Que louco amor meu !
Oh ! fada do ar !
E aljofar gotreja
Do seio á gelar.....

Sem luz esses olhos de tanto fulgor !
Sem vida esses labios que ha pouco beijei !
Seria um cadaver ?—Meu anjo d'amor,
En louco fiquei !
Delirio seria ?
Dizer não n'ó sei.



REMINISCENCIAS DA PUNHICIA.

O' doces terras da patria,
Bella Caxias natal!
O' prados de verde relva,
Lindas fontes de crystal

O' varseas cheias d'encantos,
Matisadas de boninas,
Onde desfasem-se em cantos,
A' tardinha,—as sururinas!

O' fresca e rubra alvorada,
Quando, ao romper d'mauhan,
Doileja na flôr doirada
Borbolêta folgasan!

Oh! matas longas e virgens,
Que na infancia eu percorria,
Onde mais livre minh' alma,
Mais livre o peito sentia!

O' fazea brisa que á tarde
Nos meus cabellos brincavas,
Quando eu subia, cantando,
No arvoredo, que em! alavas !

Jurlys arruladeras,
Que eu amei do coração,
Minhas amigas d'infancia,
Que me comieis na mão !

O' minha flexa de pennas
Que eu deixei junto ao curral,
Com que eu flexava os pombinhos
Pelas fendas do pombal !

Minh' arapuca querida,
Que pegavas jurily,
Que deixei ainda armada
Lá, junto ao pé do piqui !

Quem sabe si alguma rôla
N'ella cahio descuidosa ?....
Morreu á fome, coitada !
Era talvez tão formosa !

O' meu carneiro de chifres,
Que tinhas tão nivea lan,

Que eu pentejava contente
Quando rompia amarantho!

Ai ! n'uma noite medonha
Feia onça te comu;
Eu jurei vingar-te a morte....
Fei vão juramento meu.

O' doces terras da patria,
Beila Caxias natal !
O' prados de verde relva.
Lindas fontes de chrystal !

O' noites tão estrelladas !
O' dias de rubro sol !
O' tardes de frescas auras !
O' matutino arrebol !

O' minha esteira de palha,
Em que, em noites de luar.
Eu descuidoso brincava,
E adormecia á sonhar !

Meu sapatinho de trança,
Tão miúdo e tão gracil.
Que eu despertando calçava
No pé pequeno e gracil !

O' minha espada de pão,
Que ficaste pendurada
Na parede do meu quarto,
Bem junto á porta d'entra-lá!

O' doces terras da patria,
Bella Caxias natal!

O' prados de verde relva!
Lindas fontes de chrystal!

Aqui tambem ha perfumes,
Aqui tambem flôres ha;
Mas onde as verdes palmeiras
Onde canta o sabiá?

Tambem ha prados relvados,
Tambem ha fontes aqui;
Mas não ouço o brando arrulo,
A' tarde, da jurity.

Dá, Senhor, que eu volte ainda,
Dá que eu volte para lá,
Dá que eu possa ouvir ainda
Gorgeios do sabiá.

Dá que eu torne a ver as varzeas
Onde na infancia brinquei,

Que eu torne á ver as amigas,
Alvas pombas que peguei.

Dá que eu possa um dia ainda
Ir junto ao pé de piqui,
Procurar minha arapuca
Que armada deixei ali.

Dá que eu possa um dia ainda
Ver minha flexa de penna,
No curral por mim deixada,
Lento á porteira pequena.

Dá que eu possa ouvir ainda
As brisas da minha terra,
Vergando as vérdes florestas
Sobre a explanada da serra.

Que eu possa subir, cantando,
Das galinhas do piquiceiro,
Ver os novilhos rugindo,
Cavando, lá no terreiro.

O meu carneiro de chifres,
Que nunca mais eu verei!
Matara a feia onça,
Tua morte vingarei.

Dá, Senhor, que eu volte ainda,
Dá que eu volte para lá,
Dá que eu possa ouvir ainda
Gargalos do sabiá.

Dá que eu possa ver ainda
Minha espada pendurada,
Na parede do meu quarto,
Bem junto á porta d'entrada.

Dá que eu morra em minha terra,
Dá que eu volte ao meu paiz !
Dá, Senhor, que eu n'esta vida
Seja um momento feliz.

Maranhão—Março de 1870.

—DIALOGO.—

—Trovador, que és tu na terra ?
Que é na terra um trovador ?

—Fragil batel combatido
Das tempestades da dor.

—Que tens no peito aneciado?
 Porque choras, trovador?

—A perjeita que eu amava
 Trahi-me o mais santo amor.

—Trovador, porque suspiras?
 Porque choras, trovador?

—Suspiro por ter saudades,
 Choro, porque causam dor.

—Por isso choras, solações?
 Não podes ter outro amor?

—Ai não sabes, não conheces
 Coração de trovador!
 Profano, vae. Mais não punjas
 Do que soffre a'acerba dor!

MINHA ESTRELLA

Bella estrella d'esperança,
 Que bonança
 He o mar do meu porvir?
 Vejo as ondas tão macias
 Que dirias
 Lago de leite á lusir.

Não muge o vento. Nareia
Se nareia

Louca vaga á solgar;
Sobre ella veia meiga e lua,
Alva e nua,
Candido rosto mirar.

Vejo-te, estrella, brilhando,
Fulgurando,

Em ceus vestidos d'auri:
Nada teus raios turveja!

Que eu te veja,
Sempre assim, astro gentil!

Mas que escuto?—Vãos lamentos
Soltam ventos

Sobre as ondas do alto mar;
Gemem vagas; treme alua,

Que fluctua,
Quasi, quasi á desmaiar.

Nuvens o ar escurrecem;
Raios desceem;

Fulgem relampagos mil;
Longinquo trovão rebôa;

O seu trôa;
Reina o tufão senhoril

Minha estella no horizonte,
Traz d'um moço,
Semelhante ao beco pallor;
Vejo a eu que impallidece...

Nem parece
Que tinha tanto fulgor.

Miseranda! — Nem sciintilla!

D'encobri-la

Negra nuvem principia....

Não deis, Senhor de bondade,

Por piedade!

Que a cubra a nuvem sombria,

Mas em vão! Baldada prece!

Já fallece

Brilho a que tanto lusio....

Ei-la que um jacto de fogo

Lança e logo

Cahe nos abysmos! — Sumio!....

Já me não resta esperança!

Já me cança

Meu maldadado viver;

Si dá-me um riso a ventura,

Não atura....

Hei de bem cedo morrer.

Amei um anjo tão bello
Que de vê-lo
Te lo o meu ser s'esvaia...
Mas a rosa desbotou-se...
Destoçou-se...
Triste de mim! sorte impia.
Tive uma lyra mimosa,
Saúdosa.
Que eu dedilhava em meus cantos:
Cantava n'ella meus dias,
Alegrias,
Magoas, tristezas, e prantos.
Mas um dia chorei tanto
Que de pranto
A minha lyra banhei;
Logo após, enfurecido,
—Fui trahido!—
Disse eu; e a lyra quebrei.
Tinha no ceu uma estrella
Viva e bella,
Que eu via sempre a lusir.
Que a pouco vi se apagando
Ir tombando
Nos abysmos do porvir!

Já me não resta esperança!
Já me cansa
Meu maldado viver!
Si dá-me um riso a ventura,
Não atura . . .
Hei de bem cedo morrer.

O RAMALHETE.

Recebi teu ramalhete
Precioso e delicado,
Guardei-o sobre o meu peito
De maguas amortalhado.

O formoso cravo roxo
Ressiquio, marchou, morreu;
Deixou-me n'alma saudades
D'aquella que me prendeu.

A rosa, posto que marcha,
Me accorda sublis desejos
De ver teu rosto risinho
Para cobri-lo de beijos.

De manhã quando desperto,
É meu primeiro cuidado
Rever a rosa, estreita-la
Junto ao labio apaixonado.

E uma lagryma furtiva
Se m'escôa sobre a flor
Tento, em balde, dar-lhe vida,
Com meu prantejar d'amor.

A tua rosa! o teu cravo!
Conservo-os com devoção,
—A rosa junto dos labios,
O cravo no coração. —

SONETO.

Quando a lua percorre o ceu mais linda,
Rutilando no ar com louçania,
O nectar vou beber da poesia
Sobre os olhos formosos de Florinda.

Ninguém leva-lhe a palma á chamma infinda
Que em raios scintillantes, com magia
Brotam-lhe os olhos; — nem ao d'ambrosia
Odor que exhala, mais suave ainda.

Já muitas vezes ao clarão doirado
Dos astros que erram com incerto lume,
Dos cabellos as tranças li' hei beijado.

Que mais quero? — Nem mesmo ella o presume!
Morrer-lhe ao niveo collo reclinado,
Da innocencia servendo-lhe o perfume,



OH! QUE SONHAR!

Oh! que acordar!

G. Dias.

Oh! si o que vemos no sonhar não fossem
Mentidas illusões!

— Timidos beijos, e o enleio angelico
De ternos corações!

E aquelle ver-te, qual t'en vi, com os labios
Unidos ao meu rosto.

No extasis do amor, no ardente anseio,
Desmaiando de gosto!

E um braço meu por sobre os hombros niveos
A' mim te conchegando.

A chama doce á devorar-me o peito,
— Teus seios palpitando!

E os cabellos que as brisas agitavam
Roçando o rosto meu!

E o fogo do pudôr nas faces tuas,
Qual melindroso véu!

E da pallida tez os brancos lyrios
Em rosas transformados !

E a luz da lua os juramentos ternos,
Para mim tão sagrados !

Oh ! si o que vemos á sonhar não fossem
Mentidas illusões !

Talvez agora palpitassem juntos
Dois igneos corações !

Então seria a realidade um sonho
Mendaz e tormentoso,

A' consumir-me da existencia os dias,
— Pesadelo horroroso . —

A minha eternidade hora por hora,
A minha salvação,

Tudo eu daria para ser continua
Tão fagueira illusão.

De um sonho tão feliz e tão formoso
Não quizera acordar !

E' que esse sonho me acalenta a vida,
E é triste o despertar.

Eu quizera morrer contigo, oh anjo,
Sonhando assim,

E folgando co'a tua ver nãdi' alma
Pelo espaço sem fim.

SONETO.

Da vida o quadro misero e tristonho
Quando vejo ante mim affigurado,
O sangue se m' esfria, horrorisado
De ver o drama negro e tão medonho.

Fujo á vida real, e busco o sonho
Nas asas do dormir cansado e lento,
E no brando vagar do pensamento
Prasenteiro nos ceus entro e risonho.

Ante o solio de Deus ajoelhado,
Em piedosa oração derramo as dores
Que o peito me suffocam lacerado.

Rogo ao ceu que me poupe aos amargores
Da sorte e que me livre de mau fado,
Roubando-me aos mundanos dissabores.

ORAÇÃO.

I

Ouve-te o silêncio de reinar cometa,
 Deixando no ar rumor confuso.
 Estranho, inexplicável tanto silêncio.
 Que falam ao coração, — e a mente a clamar
 De justo calma e paz, — e o crime a clamar
 Alvoroga e angustia, — quando a luz
 Rutina em seus dardos — cada um expargem

Aqui ali,—aíem—navens argenteadas.
Limpas d'estrellas;—quando a brisa adôja
Mansa, e suspira no arvoredo, e gualo
Perfume amigo pelo ar dilata.
Quando o fragor sonoro e magistoso
Do mar quebrando do areial nos frisos,
Alto regindo.—enfurecidas ondas,
D' alva espuma refinge as crinas praias;
E o astro, que erra á noite, dardando
A' prumo os raios n'alvaenta vaga
As varias cores do iris n'ella estampa;

Senhor, eu sinto "strem" ter minha alma,
Mais pura que o incenso do thuribulo,
Aos vossos pés, rogando o solio augusto
Com as mãos pela vida tão manchada.

II

Batão a voz do vate, inda sem forças,
Pasmado, contemplando a magestade
Da criação e a vossa omnipotencia;
Ouvindo os aureos sons das Harpas d'anjos,
D'altos louvores povoando o orbe,
—A' voz dos seraphims unio seus carmes.

III

Em quanto a minha mente vagabunda,
Perdida alem dos vagos do infinito,
Se embevecia em sonho indefinido,
Como s'espanejando aos pés do Eterno,
—Estes os carmes espontaneos, livres,
Que me subiam do imo á flor dos labios.

IV

Senhor Deus, que nas alturas,
Collocaste o sol brilhante,

Tu, que n'um rapido instante,
Fiseste ceas, mar e terra;
Dá, Senhor, que esta miuh' alma,
Que á ti se chega segura,
Possa fugir inda pura
D'onde o vicio lhe faz guerra.

Foste tu, Senhor, que aos arcos,
Ergueste a lúá, e as estrellas;
Que fizeste as flores bellas;
E a brisa deste perfumes;
Foste tu que brillantismo
Deste á luz do dia ardente
E á noite calma e silente
Cobrir-se toda de lumes.

Foste tu que deste ao rio
Correr por entre verdores,
Que de fructos multicores
Bellas arvores formaste;
Qus siseste o outomno triste,
O estio calmoso, ardente,
E a primavera ridente
Para os amores creaste.

Foste tu que deste á planta
Crescer, florecer, viçar,

Tramidos roucos no mar,
Negro horror á tempestade;
Tua bondade infinita
Para as almas ulceradas,
Consumidas, magoadas,
Creou as leis da' amizade.

Foste tu que deste força
Ao trovão que brame irado,
E ao mar em fúria, empolado,
Desfazer-se em branca espuma;
E ao perdido marinheiro,
Já faltando-lhe esperança,
Ver um astro de bonança,
Lusir ao travez da bruma.

Si tu, Senhor de bondade,
Fizeste a vida tão bella,
E deste um riso á donzella
Da mocidade na flor,
Dá também, Senhor, que est' alma,
Qu'inda sem mancha fulgura,
Da terra se erga bem para,
Cheia d'uncção, e d'amor.

Em quanto a minha mente vagabunda
 Erra e além dos vages do infinito,
 Formam estes os carnes borbulhados
 Dentro do coração, — e a flor dos lábios
 Traídos, como os sons balbucendos
 D' inexpertia criança; tão tocos verbos
 Um soluço, um vagido de agonia,
 Solto ao transpor as portas da existencia,

SONETO.

Não me lances assim tens olhos garços,
 Morezinha, — que languidos desejos
 Me excitas á matar em doces beijos
 Nos teus cabellos, — ondulando esparços.

Coras ? Das alvas vestes os cadarços
 Desata á pressa. — A brisa em murmurejos
 Exhale o puro odor, que nos arquejos
 Dos seios sac-te. Vem, vem aos meus braços.

Mais conchega-te á mim, voluptuosa....
 Tremes ? anccias ? Tens as mãos tão frias!...,
 Brilha em teus olhos lagryma mimosa....

Ai! não chores assim, que me agonia!
Antes a d'ir que te consome, Hermana,
Afoguemos do amor nas ardentias.

A' D. Z.

Nem o canto da sereia,
Que d'amores se desmaia,
Quando a onda beija a praia,
Mordendo na fulva areia,
Nem os queixumes sentidos
Da rôla na solidão,

Têm de teu sublime canto
A commovente harmonia,
Que me prende, me extasia,
Me arreбата o coração.

Nem o marulho da fonte
Que serpeia chrystalina,
Reflectindo a purpurina
Luz do sòl, que doira o monte;
Nem a voz melodiosa
Do sabiá namorado,

Têm o enlevo, a poesia,
Têm a magica doçura,
Têm o perfume, a brandura
Do teu canto apaixonado.

Si nera a brisa, os palmares
Agitando rumorosa,
Nem a sercia amorosa
Na vasta soidão dos mares,
Nem os sons, quando alta a noite,
D'inspirado violão,

Têm do teu sublime canto
A commovente harmonia,
Canta, oh Deusa, e m'extasia
M' embriága o coração.

QUADRO DA VIDA,

I.

Bella aurora rutilante
Já no céu meiga scintilla,
E no calix fulgurante
Da flôr orvalho distilla.

197
O rubro disco apparece,
Tirar as cortinas azues,
Do sol, — que o mundo esclarece
Com raios d'infinita luz.

Naveio e lúnea, irisada
Em ondas de leve anil,
Fragil ondula, — pulsada
De fresco vento subtil.

Bella romper d'alvorada !
Porta dourada do dia !
Como assimellhas de á entrada
Da vida, — que principia !

II.

Mas o mar de rugir começa, e freme,
Cobrinho o dorso d'alvacentas espuma.
As ondas fervem. Turbilhão cerrado,
Vagas senhoras no areial ondulam.
Humido pó s'exparge alvinitente
Nos frisos murmurantes; muge o vento,
Varrendo a superficie intumescida
Do medido elemento, que empolado
Cospe nos negros alcantís a espuma.

O tufão bramidor, rodando, catando;
 Atlas novens no espaço se condensam,
 Encontram-se no ar, — scintilla o reio,
 O clarão se estende, — o céu troveja.

III.

Assim os dias da existencia minha !
 Foi-me a infancia risonha como a aurora;
 Mas na edade viril, — bem cedo ali lá,
 De turgidas paixões minha alma cheia,
 Tarva-me o coração cheio de meguas.

SONETO.

Liberdade gentil, — que abandonaste,
 Tão impiedosa, — o povo brasileiro,
 Dá-lhe agora um olhar terno e fagueiro,
 Volta-nos tão velóz, qual nos deixaste.

Tu que com luz brilhante illuminaste
 O francez tão alivo e tão guerreiro,
 E o fizesse pasmar o mundo inteiro,
 Co' o fogo semboril que lh' inspiraste;

Desce do céu, sublime e magestosa,
Co' um cortejo de guerras e de horrores,
De luz banhada a frente graciosa.

Verás como este povo,—dos tambores
De guerra aos sons,—á terra sequiosa
Fará beber o sangue dos senhores.

SONETO.

Foi ali que te vi a vez primeira,
N' um leito d'ondas frias reclinada,
E nas aguas a coma perfumada
Brincava sobre espumea cabeceira.

Nos teus seios, que a limpha sobranceira
Vinha louca beijar, de enamorada,
Minh' alma se embebeu apaixonada,
Suspirando d'amor, terna e fagueira.

Nos teus labios, que um languido sorriso,
Celeste e divinal, rugava apenas,
Pareceu-me entrever um paraíso.

É d'ísa: «Em tuas faces tão piorentis
 «Chasento que eu deponha um beijo. Um riso
 «Da-me em tuas lábios, que me abraque as penas.

TU JULGAVAS.

*Nem á mim teu amor me contenta,
 Nem me ferem teus falsos desdens !*
 G. DIAS.

Tu julgavas, creança vaidosa,
 Que eu de humilde rojasse a teus pés,
 Contentando tua' alma orgulhosa
 De triumphos sedenta, talvez !

Pobre louca, que' o incenso inebria !
 Pela mente passou-te siquer
 Que eu queimasse do peito ambrosia
 Junto ás aras d' indigna mulher ? !

Si te nutres de fumo e vaidade,
 Não sou eu quem te adore á morrer,
 Nem por ti me finára a saudade,
 Nem d'amores me ouviras gemer.

Si o desejo em meu peito alguma 'hora
Chamava ardente, subtil, accendea,
Nada foi: — como a flor inódora.
Que o sol doña, s'estolha — morrea.

Tu julgavas que, humilde captivo,
Vil cadeia arrastasse após ti.
Quando ergui-me sarcástico, altivo,
E bem franco, e expansivo, me ri,

Mais além quem te adore, procura,
Quem se ufane de amar-te á morrer,
Que minha alma, nas creanças tão pura
Quebra algemas que a queiram prender.

Não mais julgues. creança vaidosa,
Que eu me roje de humilde á teus pés,
Que eu contente tua 'alma orgulhosa
De triumphos sedenta, — talvez! —



MÓDICA.

(Fragmento de um poema teratológico)

.....
.....Pilha a letra assim,

E's a virgem que eu sonhava
Nos meus delyrios sem fim,
E's o loiro seraphim
Dos meus sonhos juvenis;
A fada que eu procurava,
Miragem que me fugia,
Lá da serra junto a umbria,
Folgando nos alcantís.

E's o anjo que eu sonhava
Nos meus devaneios d'ouro,
O cherubim meigo e loiro
Dos vagos anhelos meus
A visão que me encantava,
Que n'um magico sorriso
Me apontou um paraíso,
Mostrou-me as portas dos céus.

Percurei-te sobre a terra,
Nas lindas conchas do mar,
Nas brancas aves do ar,
Do deserto na cordão;
Nos longos ermos, na serra,
Das águas no murmurio,
Na nivea espuma do rio,
Aqui, — além — tudo em vão.

Nos arciacs da campina,
Na flor, — orgulho do prado,
No frouro brilho ondeado
Do sol além á se pôr;
Na rosea cor purpurina
D' aurora que doira o monte,
No vão suspiro da fonte,
Da lua no resplendor.

Nada ! nada ! — E louco ardía !
Vaguei, dos homens fugido,
Nos desertos foragido
De vasto, immenso sertão;
E á noite, quando dormia,
No meu sonhar agitado,
Via o teu vulto adorado
Sorrir-me . . . estender-me a mão . . .

« Não disse. » Não és da terra!
« Quero morrer, ir ao céu!
« Mendigar um riso seu
« No paraíso eu irei, »
Fiz-me guerreiro, e na guerra
Ganhei combates aos mil;
Mas o meu anjo gentil . . .
Ai! nunca, nunca o encontrei.

Voltei. Minh' alma chorava
Procurando o seu amor,
Definhava-se-lhe a flor
N' esse ardente delirar;
Torvo pensar a embalsava . . .
Ai! n'essa quadra florida
Já não queria ter vida,
Pois só vivia á chorar.

« Mas, na flor da mocidade,
« Morrer, arrancar-me a vida,
« Ser covarde suicida,
« Baixar á campa! » pensei.—
« Nunca! Antes n'anciedade
« Vive por ella, e suspira. »
Disse. Lancei mão da lyra,
Fiz-me poeta, e cantei.

Cantei teus olhos fúlgidos,
Quas eu os via em meus sonhos,
Cantei teus lábios risonhos,
Cantei-te a euás roande.
E quando as faces rubentes
Tuas na lyra eu cantava,
Minha mente se abrasava,
Via o teu rosto de fada.

E quanto mais em delírios
Minh' alma á ti se prendia,
A minha lyra gemia
Com mais pureza e brandura;
Mais cresciam meus martyrios,
Inda mais triste eu ficava,
Mais meu calix transbordava
De venenosa amargura.

Não eras, porem, da terra.
E eu quíz morrer, ir ao ceu;
E dice: «Um sorriso seu
« Mendigar além irei: .
« Não marcharei mais á guerra;
« Quero morrer em meu leito.»
Quebrei a lyra. Meu peito
Soluçou, quando a quebrei.

.....

Um dia, á tarde, á janella,
Não meo pensar mergulhado,
Chorando meu negro fado,
Pendida a face na mão,
Meu vago olhar n'uma bella
Imagem se me fitou;
Minh'alma logo anceiou,
S'expandio meu coração.

.....

Eras tu !—A que eu amava,
Nos meus delyrios sem fim,
Oh! não mais fujas de mim
Que por ti louco fiquei!
A virgem que me encantava,
Eras tu, oh Celestina!
E's a visão peregrina
Que em sonhos febrís amei.



PHRASES INTIMAS.

Porque vens, anjo da morte,
No teu pallido sudario.
Como um astro funerario
Sempre, sempre á me seguir?
E o teu halito gelado
Vem bafejar o meu resto,
Onde murchara o desgosto
Tanta esperança á sorrir?

Porque a imagem fria e muda
Tua, em minh' alma s'estampa?
Porque me apontas a campa
Como descanso final?
E que palavra murmurass
Tão cheias de melodia
Para aplacar-me a' agonia,
—Si é sem remedio o meu mal?

Merencorio anjo da morte,
Comprehendo o teu segredo;
Brevemente irei sem medo,
Sobre o teu seio dormir;

E esse teu beijo gelado
 Receberei no meu rosto,
 Onde marchára o desgosto
 Tanta esperança á sorrir.

IRONIAS.

Não quero o amor que me deste,
 Tuas caricias rejeito;
 Juras que á outrem listeste
 Não guardarei no meu peito.

Mentido olhar não aceito,
 Que d'elle é falsa a expressão,
 Nem me creias já sujeito
 Porque apertaste-me a mão.

Disseste amor ? Blasfemaste !
 Nem sequer podes amar,
 Que o sentimento embotaste
 A' força de o refinar.

No teu peito amor não medra,
 Nem sequer uma afeição,

Bem como em seio de pedra
Não vinga roseo botão.

Si rís, não erio em tea riso
D'innocente cherubim....
Que promette o paraíso,
E inferno dá-nos por fim.

Si choras, também não creio,
Nem si o teu peito suspira,
Si o pranto abalar-te o seio
Sempre direi que é mentira.

Não creio que aches, senhora,
Inda que o digas chorando,
Que a mulher quanto mais chora
Mais está nos enganando.

Si o pejo, á subir, queimando,
Do rosto tingir-te a' alvura
Cá commigo irei pensando
Que é teu rubor—impostura.

E's bella, gentil, mimosa;
E's das bellas a princesa:
Entre as flores,—loras rosa!
Mas te falta a singellesa.

Rosa, perdeste o perfume!
 Mulher perdeste o candor!
 Quanto esta phrase resume
 De sentimento! de dor!

PRECE

Ao ANNO DE 1874.

Entre arrancos de agonias
 O anno velho se finda,
 E uma 'outra aurora mais linda
 Surge nos campos do ceu;
 Das vestes nas roxas cores
 Recuma oclor de mil flores,
 E' palpitante d'amores
 Desprende o iris do veu.

Vem co'as tranças desatadas
 Banhando o mundo de luz,
 E as esperanças azues
 Douram-lhe o casto sorrir:—

114
Traz as venturas sonhadas
No coração d'essas fadas
Que folgam tão descuidadas,
Esquecidas do porvir

Salve, mimosa creança
Que dormitas socegada,
De meigos anjos cercada,
Da Eternidade nos seios !
Esse teu somno innocente
Não traz o sonho que mente;
—Simellias a flôr rubente
Toda á esvair-se d'enleios.

Mas quando chegar o dia
Em que te erguerás do leito,
Si contemplares sujeito
O mundo ao luto, ao pesar,—
N'esse teu rosto, creança,
Dá-nos, si quer, esperança
De haver nos fados mudança
Com o teu festivo accorder.—

SONETO.

Levo dentro em meu seio a lágrima trêça,
Que me deste, de lágrimas batida;
Levo no intimo d'alma. — immaculada,
Pis-tos tão castos beijos a lembrança.

Perdoa, si nas asas da esperança
Quise librar a mente embebecida,
Arrojar nos: o amor além da vida,
Sem cogitar dos fados á mudança.

E agora? Vou partir, e aos crús furores
Do oceano confiar minha ventura,
Pungido o coração d'acerbas dores. —

Meu Deus, não permittaes que a desventura
Da grinalda d'amôr fenega as flôres,
Aos embates crueis da sorte dura!

A NOITE.

Bella noite! A brisa adeja,
Suspirando na folhagem,
E traz na fria bafagem

Perfumes da flor que beija.
 A lua sorri, — e alvija
 O espaço, no leito aereo,
 Segue a cortejo sideral,
 De scintillantes estrellas
 Das mais varias e mais bellas,
 Que existem no campo ethereo.

O espaço d'azul trajado,
 D'um á outro, pólo está;
 Si quer um ponto não ha
 Negro, — de nuvens enlaido;
 Reveste-o — brilho doirado
 Dos astros, — á scintillar;
 O doce e frouxo luar
 D'alvo vapor ladeado,
 Seu branco disco nevado
 Dardeja a prumo no mar.

Que silencio e amenidade
 N'este ramanso de paz!
 Como a mente se me apraz
 A' seismar na soledade!
 No espaço, que magestade
 Sob a abobada estrellada!
 Esta brisa embalsamada,

Que exhala o mar n'um suspiro,
Este ar sereno que aspiro
Banham minh' alma ulcerada.

O mar nas plagas rugindo,
Mordendo na sulva areia,
Ao longe echôa.—Prateia
A lua as aguas lusindo.
Eis vem a vaga bramindo
Doidejar na longa praia;
De vê-la quando s'espraia
Todo o meu ser devaneia,
Como que ouvindo a sercia,
Que d'amores se desmaia.

Porque a noite silenciosa
Não hei de eu acaso amar,
Quando seus raios no mar
Dardeja a lua formosa ?
Quando a brisa vaporosa,
No cicio embalsamado,
Solta um suspiro abafado ?
Quando o céu d'astros se arreia,
Quando a onda beija' a' areia
Num queixume apaixonado ?

Porque ? — Si é tão aprasivel,
D'alta noite no remanso
Meditar, e manso e manso
Ver, e contemplar — o *me isirel* ?
Ouvir, absorto, sensivel,
Do silencio a melodia ?
Palpar—lhe o enlevo, a' harmonia ?
Sim é doce ao bardo anceiado
Soltar um canto, librado
Nas asas da poesia ? ...

Alem, à regiões mais puras
Quando a mente se arrebata,
Deslembrando a terra ingrata,
Tão pejada de amarguras,
O vate, com mais doçuras,
Desprende um canto da lyra;
Mais livre o peito respira,
Seu coração mais palpita,
Mais terna a corda se agita
De sua' harpa, que suspira.

Quando é mais meigo o luar
Quando a noite vac serena,
Quanto é doce á brisa, amena
Ternos suspiros soltar !

Tudo convulso á scismar !
Tudo embriagado o cantor !
Das nuvens a rosea côr
Lembra-lho o rosto d'hermosa,
E a lyra oppressa e quixosa
Desfaz-se em notas d'amôr.

Eu, poeta apaixonado,
Que vivo sempre á scismar,
Eu, proscripto desgraçado,
Longe,—bem longe !—do lar,
Quando o rutilo luar
Vaga no céu sem pallôr,
Quando da brisa o rumor
Traz-me perfumes da serra,
Saudades da minha terra
Meu peito opprime de dôr.

Então choro amargurado;
Então desato o meu canto;
Cessa depois o meu pranto;
Sinto o peito alliviado.
Eis vejo um vulto adorado
Sorrir-me estender-me a mão . . .
Porque tremes, coração !
Hermosa ! tu !—Com loucura

Corro . . . nos braços segura
A tenho . . . Engano ! illusão !

Mentira ! engano ! illusão !
Chora, misero proscripto !
D'alma ninguém te ouve o grito,
Nem tem de ti compaixão !
Desabafa, coração !
Foge d'esta soledade !
Busca o riso, a ebriedade !
Não ames a noite bella,
Porque no silencio d'ella
Sangra teu peito a sandade !

VIVE L'ARGENT!!!

Não quero mais ser poeta
De ninharias de amor,
Chôcho verso, sem sabôr,
Que ora conheço ser pêta.
O' musa, outro rumo inceta,
Outro assumpto mais fagueiro,
Mais solido e verdadeiro:

Novo modelo aos teus cântos!
Musa, ri! Basta de prantos!
Vamos cantar . . . o dinheiro!!!

Como te vejo risonha
De fogo passando á géllo,
Qual de horrivel pesadêlo
Desperta a môça, que sonha!
Musa, que pouca vergonha!
Tu, que do teu coração,
Tudo amargura é paixão,
Somente prantos vertias,
Sob as fibras escondias
A mais bella inspiração!

Por certo não é desdoiro
Quem já muito tem cantado
Soltar um canto,—inspirado
Pelas magias do oiro!
E ninguém me venha ao coiro
Por eu cantar o que sinto;
E' d'alma que o penso e pinto:
Ontr'ora fui bandoleiro,
Hoje idolatro o dinheiro,
E fallo serio,—não minto.

O' precioso metal,
Que no mundo todo imperas,
Que com o tempo regeneras
O coração de um mortal,
Do modo mais natural !
Em que pensava tão mal,
Ja hoje penso melhor;
Tens muita força, dinheiro !
Fizeste de um bandoleiro
Teu constante adorador !

• Sem ti se não move a guerra,
• So de ti provem a paz, •
Sem ti, que gozo nos dás,
Não ha prazer sobre a terra;
Tudo se aligra ou se allerra
Com o teu aspecto jocundo;
Ta torces as leis do mundo;
A' quem te possui, das tudo;
Tino ao tolo, voz ao mudo,
Ao fatuo o saber profundo !

Fazes do torto direito,
Dás pernas ao aleijado,
E ao fraco imbelles soldado
Nutres coragem no peito:

A tudo, á tudo! — desegual
 Tens verdade e impetura!
 Tudo o teu contacto opera!
 E aposto que ne pervir
 Has de por fim descobrir
 Do círculo a quadratura!

Nada ao diabo resiste;
 Onde quer que elle appareça,
 Tudo brilha e resplandece.
 Fica alegre quem está triste;
 Só n'elle o prazer consiste;
 Ao vê-lo, o pobre suspira,
 — O poeta toma a lyra.
 E canta, até que enrouqueça!
 De si o vale se esprece
 No goso que o olho inspira.

Do dinheiro a realisa
 Não pode o mundo negar,
 Pois chega até á madre
 Das coizas a natureza:
 Quem o tem, — não tem fraqueza;
 Sifalla, é o Deus da Eloquencia;
 Si d'outro corre, — é prudencia;
 Si acaso treme — é nervoso;

Si é namorado, é dengozo,
Do oiro até fuge a demencia!

Mas eu, que te canto, e rendo
A ti devota homenagem,
Que ao ver-te sinto a voragem
Do prazer no peito ardendo,
Que aos teus encantos me prendo
D'alma com todo o fervor,
Não tenho, o' desgosto ! o' dor !
Na bolsa um real sequer:
Si o tivera, sem demora
Comprava beijos agora
Da mais bonita mulher.

PRIMEIRO BEIJO.

Em meio de val' umbroso
D'um monte estendido ao lado,
Por mangueiras sombreiado
Verdeja um bosque frondoso.
Um regato solagoso
Lá s'espreguica, e aos ardores

Do sol fugindo, entre flores,
Do arvoredo á meiga sombra
Espuma por entre a' allombra
Das margens todas verdores.

Lá, qual em tumbas murtuarias,
Longe, e bem longe!—do mundo,
Reina silencio profundo:
Só do vento ourem—se as arias,
De flores cheirosas, varias,
Alastrando o verde chão;
Alli rouquejam em vão,
Das rochas cahindo, as aguas,
Com suas queixas e maguas
Commovendo a solidão.

Aqui viceja aingaranna;
Enlaça—a cipò selvagem;
Alli do cedro a ramagem
Expande-se ao vento, lhana;
Alem remeche—se ufand
Do páo d'arco a ramaria;
E sobre a onda macia
Seus verdes galhos estendo,
E como que um preito rende
A's aguas da fonte fria.

Corre a espuma Jasperada
Sobre a lama,—em borbotões;
Em brancas ondulações
Onda por onda é levada;
No mar, além da quebrada,
Rage a torrente bravia;
Da tufada a brisa macia
Nas azas o estrondo rouco
Leva, e o passa ao echo louco
Da soberba serraania

Mais além, pelas campinas,
Que de relvas se enverdecem,
Magico espelho parecem
Estas ondas diamantinas;
As queixosas surrurinas,
Pelas aguas attrahidas,
Sobre as margens distrahidas,
Que o lindo capim matiza,
Ao molle sopro da brisa
Soltam as vozes doridas.

Foi alli,—sobre o rochedo,
Ao tibio alvor da manhan;
A borboleta louçan,
Beijava a bonina á medo;

O colibri um segredo
D' amor disse ao jardim;
Tão lo sorria, por fim!
O sol, raiando o horizonte,
Perava o cimo de um monte
Exalando-o de luz sem fim.

D'entre as nuvens que rompo,
O formoso sol de maio,
Lançando o primeiro raio,
O val'empurpureco;
D' amor se estremece o
A natureza e sorrio;
De rosea cor se tingio
Um quadro d' encantos cheio,
Do val' seductor em meio,
Do sol à luz, que surgio.

Lá pensativa, indolente,
Das laranjeiras á sobra,
Meiga virgem sobre a' alfombra,
Meditava tristemente.
A nivea face rubente
Na branca mão descangava;
Aragem branda brineava
Nos seus cabellos compridos,

Que, — sobre os hombros caídos,
— Mar de Lige lambava,

Um jovem, traz d'ella posto,
Contemplava com ternura,
Todo o perfume e candura
D'aquelle sereno rosto;
No seu olhar decomposto
Pintava-se agra paixão;
Arfava-lhe o coração,
E a descuidosa não via
Que perto d'ella rugia
Com furia e raiva — um vulcão.

Ella corava e sorria
No seu sereno pensar;
Ella desperta, — á sonhar,
De volupia estremecia.
O terno jovem bem via
Aquelle sorriso seu:
(Esse mancebo era eu),
D'ella os labios se enir' abriram, ...
Bem os ouvi! — proferiram
Tristemente um nome. . . . o meu
Foi como que um fogo ardente

Que o coração me abraçou;
Minh' alma um grito contente
Dentro em meu peito soltou;
Da mente se me apassou
O mais insano desejo,
E sofrendo o meu pejo,
Corri, corri com loucura,
E sobre a face tão pura
Collei meus lábios n'um beijo.

O tempo as asas moveo;
Correram dias e meses;
Murchara o prado tres vezes,
Tres vezes reverdeceo;
Minh' alma se adormeceu
No longo e longo sonhar;
Oh ! que ardente delirar !
Era um viver de caricias,
De praseres e delicias
Era um viver só de amar.

Parti !—Minha alma chorou;
Em duas se dividio;
Uma commigo partio,
Outra com ella ficou.
Tudo minh' alma deixou !

Chora lagrimas doridas,
Meu peito, em queixas sentidas;
Chora do imo as animadas
Felicidades sonhadas
É fatalmente perdidas.

Um anno depois voltei
A tumba d'um seraphim,
Que ornava branco jasmim,
No cemiterio encontrei.
Afflicto, —o corpo curvei....
Abri os ramos agrestes....
Prantos meus, porque correstes
Dos meus olhos n'esse instante?....
Ai foi o nome da amante
Que li por entre os cyprestes.

Corri, fugi, quasi louco;
Nas mãos a testa cerrei;
De novo a tumba voltei;
Deo minh'alma um grão rouco:
«Meu Deus, Senhor, foi tão pouco
«Meu passado venturoso,
«Quanto agora é doloroso
«Meu presente d'amarguras:

« Antes do inferno as torturas
« Que este pranto copioso. »

.....

.....

Desde então, quando a natura
Suas galas regenera,
Quando a rica primavera
Mais bella se ostenta, e pura,
Minha passada ventura
Venho nos ermos chorar.
Meu saudoso pranteiar,
Voa nas azas dos ventos !
Brisas, levae meus lamentos !
Prantos, correi sem cessar !

O' fonte, que murmurante,
Percorres floreas campinas,
E regas meigas boninas
Pelo prado verdejante;
Fonte, tu, que, murmurante,
Suspiras tristes endeixas,
Dá largas ao pranto, ás queixas,
Conta ao ermo as tuas maguas,
Deixa alvejar em nas aguas
D'espuma as longas madeixas.

Vê. Eu também tenho prantos
Que recordam, saudosos,
Esses tempos venturosos
D'outrora cheios d'encantos.
Quem gosou prazeres tantos !
Tempo feliz e risonho,
Que foste ?—Não mais que um sonho.
Cheio de fé, d'esperança;
De ti se perde a lembrança
No meu passado tristonho.

Tu, das matas o cantor,
O' sabiá das palmeiras,
Exhala ás auras ligeiras
De tua voz o primor.
Desata um trino d'amor;
E enquanto ao fado inimigo
Do meu peito as maguas digo,
Gorgeia dentre' o 'arvoredo,
Só abre as voses á mêdo,
Sabiá, chora commigo.



INDEX.

Onde vaes ?	7	Vem	65
Oh! vem !	9	Foi loutro	67
Forget me not	10	Soneto	71
Romper d'alva	11	Dormias	72
Extasis	15	Reminiscencias da	
Soneto (no mar)	17	puerícia	74
As chaminas e o fumo	18	Dialogo	79
Um adeus p. ^a sempre	19	Minha estrella	80
O pingo d'agua	24	O ramalhete	84
Minh' harpa	26	Soneto	85
Peregrina	28	Oh! que sonhar	87
Meu charuto	30	Soneto	89
Minh' alma	31	Oração	90
Desalento	32	Soneto	94
Olhos azues	35	A' D. Z.	95
Minha rosa	38	Quadro da vida	96
Aos voluntarios da pa-		Soneto	98
tria	40	Soneto	99
Saudade (flor)	41	Tu julgas	100
Minha mãe !	46	Miolinda	102
Protesto	50	Phrases intimas	107
Sobre o tumulo de		Ironias	108
um menino	52	Prece	110
A esquadra brasileira	53	Soneto	112
Sua voz	55	A noite	112
Canta (á uma poetiza)	57	Vive l'argent !!	117
Agonias	59	Primeiro beijo	121
N'um album	63		

Onde vais ?	7	Vem	65
Oh ! vem !	9	Por hontem	67
Forget me not	10	Soneto	71
Ramper d'alva	11	Dormias	72
Extasis	15	Reminiscencias da	
Soneto (no mar)	17	puericia	73
As chaminas e o fumo	18	Dialogo	79
Um adens p.'sempre	19	Minha estrella	80
O pingo d'agua	21	O ramallote	84
Minh' harpa	26	Soneto	85
Perdõa	28	Oh ! que sonhar	87
Meu charuto	30	Soneto	89
Minh' alma	31	Oração	90
Desalento	32	Soneto	94
Olhos azues	35	A' D. Z	95
Minha rosa	38	Quadro da vida	96
Aos voluntarios da pa-		Soneto	98
tria	40	Soneto	99
Saudade (ilari)	41	Tu julgavas	100
Minha mãe !	46	Diolinda	102
Protesto	50	Phrases infimas	107
Sobre o tumulo de		Ironias	108
um menino	52	Prece	110
A esquadra brasileira	53	Soneto	112
Sua voz	55	Anoite	112
Canta (á uma poetiza)	57	Vive l'argent !	117
Agonias	59	Primeiro beijo	121
N'um album	63		